

editorial

Novas ameaças de Pretória

18/9/87

Falando, há poucos dias, perante o parlamento reservado à minoria, o Ministro da Defesa da África do Sul, general Magnus Malan, ameaçou, citando-os nominalmente, os Chefes de Estado de Angola, da Zâmbia e de Moçambique, a quem acusou de apoiarem o «terrorismo» no seu país.

A última vez que o general Malan fizera uma ameaça nominal a um Chefe de Estado estrangeiro fora em princípios de Outubro do ano passado e o alvo visado fora, então, o Presidente Samora Machel; menos de duas semanas depois dessa ameaça, como se sabe, o dirigente moçambicano foi assassinado, sendo o avião em que viajava desviado para o território sul-africano e aí se despenhando.

A existência desse trágico precedente, ainda tão vivo na memória de todos nós, faz com que não possamos encarar com ligeireza as afirmações agora produzidas por Malan nem reduzi-las a mera retórica parlamentar de um ministro empenhado em justificar o astronómico orçamento do seu ministério. O regime sul-africano, como já o mostrou sobejas vezes, tem a força necessária e a falta de escrúpulos indispensável para causar grandes sofrimentos àqueles povos que, por fatalidade geográfica, são seus vizinhos.

A ameaça real que o regime de «apartheid» representa para toda a região torna-se tanto mais séria quanto se vai esgotando, inexoravelmente, o tempo que a História ainda concede a um sistema anacrónico, moralmente indefensável e cada vez mais inaceitável quer para o próprio povo sul-africano quer para a comunidade internacional.

No plano interno, o regime de Pretória enfrenta uma oposição cada vez mais generalizada — e, também, cada vez mais bem organizada e eficaz. Só através da repressão mais seivagem, do puro terror, vai conseguindo (por quanto tempo ainda?) contê-la.

No plano externo, o regime debate-se num isolamento cada vez maior, sendo gradualmente abandonado pelos seus próprios aliados tradicionais. Para tentar fugir a esse isolamento, os teóricos de Pretória não conseguem melhor do que continuar a agitar o espantinho do «perigo comunista» num contexto internacional em que o velho jargão da «guerra fria» encontra cada vez menos eco.

A recente confirmação, pelo Senado norte-americano, da nomeação da embaixadora Melissa Wells para Moçambique, numa votação em que foi derrotado, por larga maioria, o «lobby» sul-africano em Washington, mostra que, no próprio Ocidente, diminui rapidamente o número daqueles que persistem em analisar os problemas da África Austral em termos de conflito Leste-Oeste. A África do Sul vê-se, assim, remetida para a posição ridícula de ter de se apresentar como a autoproclamada defensora de um Ocidente que já não sente vontade nem necessidade de ser defendido por ela.

É, pois, de esperar que, à medida que o terreno lhe vai fugindo debaixo dos pés, o regime racista recorra a acções ainda mais desesperadas e brutais.

Por estas razões, devemos alertar a comunidade internacional para a gravidade das ameaças proferidas pelo general Malan, porta-voz de um regime que é o principal, senão o único, factor de guerra e desestabilização na zona austral do nosso Continente. E, internamente, devemos preparar-nos para uma intensificação ainda maior da agressão sul-africana, redobrando a vigilância e reforçando a nossa capacidade defensiva em toda a parte.